

FERREIRO, Alberto


*Epistolae plenae: the correspondence of the bishops of Hispania with the bishops of Rome (third through seventh centuries)*

Leiden/Boston: Brill, 2020. 336 p. ISBN 978-90-04-41776-2

PAULO REIS GODINHO

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2023.15947>

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-9112-1988>

Alberto Ferreira, doutor em História pela University of California - Santa Barbara e Professor Emérito de História Europeia no Departamento de História da Seattle Pacific University, oferece, nesta obra, ao público interessado pela Antiguidade Tardia, um inventário integral, acompanhado de exame minucioso, da correspondência dos episcopos da Hispânia com o Bispo de Roma, no período correspondido entre o século III e o século VII. Tal desiderato encontra nos esforços ecuménicos eclesiais, retomados nos anos sessenta do século XX, a sua contextualização, pois, particularmente o pontificado de João Paulo II, interessa-se com veemência pela eclesiologia pré 1054, concebendo a Igreja unida nos seus dois pulmões: o Oriente (as Igrejas Ortodoxas e muitas outras da Idade Apostólica ou de raiz apostólica) e o Ocidente (a Igreja Católica). Basta ler o número 1 da Encíclica *Ut unum Sint* de João Paulo II (1995) para entender que os tempos haviam mudado e permitiam outros estudos da realidade, cujo interesse anteriormente era bastante menor ou mesmo inexistente:

«O apelo à unidade dos cristãos, que o Concílio Ecuménico Vaticano II repropôs com tão ardoroso empenho, ressoa com vigor cada vez maior no coração dos crentes (...) O ardente desejo que me move, é o de renovar hoje este convite e repropô-lo com determinação, recordando aquilo que fiz ressaltar no Coliseu de Roma, em Sexta-Feira Santa de 1994, ao concluir a meditação da Via-Sacra, cujo texto fora proposto pelo venerável Irmão Bartolomeu, Patriarca ecuménico de Constantinopla» (JOÃO PAULO II – Carta Enciclica *Ut unum Sint*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995).

Esta singular obra encontra-se dividida em duas partes. Uma primeira, com nove capítulos, denominada “Os Bispos de Roma e a Hispânia Pré-Visigótica e Visigótica”, e uma segunda, com dois capítulos, que intitulou “Os Bispos de Roma e a *Gallaecia Sueva*”. Aqui se espelha, como corolário, quer a sua formação académica, prenhe de investigação (basta ver as centenas de artigos originais publicados sobre a temática), quer a profícua docência em diversas academias. De facto, da sua tese de mestrado, centrada na figura de Martinho de Braga, à sua tese de doutoramento sobre os Visigodos na Gália e na Espanha, o autor percorreu um caminho, de mais de trinta anos, direcionado para o estudo deste período, considerado até aos dias hodiernos um tempo obscuro da História, mormente na descoberta, decifração e análise das fontes, como decorre da análise da correspondência epistolar aqui explanada.

A originalidade desta reside nela própria, ou seja, até ao presente nenhum outro ensaio foi concretizado sobre a temática em causa, nem apresentando as fontes escritas, ora vindas à luz, nem analisando-as com conhecimento não só historiográfico, mas também linguístico, patristico e teológico.

---

Seria pueril, igualmente, não valorizar a abordagem ao desenvolvimento do conceito e exercício do Primado de Pedro, particularmente quando tal temática parte das Igrejas da Hispânia, que apelam à Sé de Roma. Assim, essa atitude torna-se também ela eloquente, pois, na ótica do autor, são as Igrejas locais da Hispânia que solicitam ao Papa intervenções e/ou esclarecimentos/elucidações litúrgicas, dogmáticos, hierárquicos. . . Deste modo, clarifica-se o tema da autoridade papal e o seu progressivo crescimento até à forma jurídico-eclesial do Primado de Pedro. Como dissemos, inquietudes litúrgicas, verdades dos credos, heresias, administração dos sacramentos, autoridade episcopal, eclesiologia são assuntos frequentemente mencionados na relação epistolar Hispânia-Roma.

Assim, ilumina-se, imparcialmente, o trabalho e a ação apostólica de grandes luminares como Leandro e Isidoro de Sevilha, Bráulio de Saragoça, Julião de Toledo ou Martinho de Braga, mas também a ação dos Papas, os quais procuram não centrar as suas intervenções somente na sua autoridade apostólica, recorrendo preferencial e concomitantemente à Sagrada Escritura, aos Padres da Igreja, aos Concílios Ecuménicos e aos Concílios provinciais da Hispânia. É justo salientar como o autor mostra que, neste período, os Concílios Ecuménicos e a Sé de Roma falam a uma só voz e não tentando sobrepor-se um ao outro, como veremos em épocas posteriores.

É certo que Roma, Bizâncio e a Hispânia constituem uma tríade, em virtude das ancestrais relações comerciais Este-Oeste, que expunham a Hispânia às novidades teológicas do Oriente. Possuindo Roma título patriarcal para o Ocidente, é natural que, ante as heresias já condenadas pelos Concílios Ecuménicos realizados no Oriente e outras que vão surgindo com ligeiras variações, as Igrejas da Hispânia a Roma recorressem. O conceito de Igreja Una, formulado no Credo Niceno-Constantinopolitano, brota como raiz desta correspondência, pois a ação dos Papas parece consubstanciar a necessidade de uma única Igreja, tanto no Oriente como no Ocidente, onde as heresias fossem impossibilitadas de florescer, pois eram vistas essencialmente como obstáculos perigosos à unidade, dado que provinham do interior do próprio tecido eclesial. A unidade dos sacramentos, da doutrina e da hierarquia eclesial surgem como imperativos, ainda que no respeito pela diversidade entre as diversas Igrejas, por exemplo na variedade de ritos litúrgicos.

Outrossim, a ausência de preconceitos metodológicos e ideológicos valoriza inestimavelmente as páginas apresentadas. Presume-se habitualmente que a feitura da História pauta-se pela apresentação imparcial dos factos. Ora, sabemos com propriedade que nem sempre assim acontece, descobrindo-se, com frequência, uma certa ideologização na apresentação dos factos. Daí o mérito desta obra, isenta quer na metodologia, quer no quadro concetual utilizado desprovido de parcialidades particulares. Esta imparcialidade não é alheia ao domínio, que o autor detém, quer das ferramentas metodológicas próprias da História numa perspetiva global, quer do conhecimento aprofundado da Hispânia visigótica e da Antiguidade Tardia gaulesa, quer da literatura apócrifa do Novo Testamento ou da patrística ibérica, bem como a sua maestria na língua latina e na bibliografia sobre o período visigótico, tema a que dedicou a sua tese de doutoramento.

Para além dos temas, *grosso modo*, já mencionados, também pertinentes questões como o priscilianismo e o papel da Igreja na consolidação e estruturação dos reinos suevo e visigodo na Hispânia destes séculos, surgem com nova roupagem, cimentadas nas fontes e não

na subjetividade das conjeturas do historiador ou mesmo a partir dos silêncios dos factos. Estamos, pois, na presença de um trabalho pormenorizado, sem qualquer peia de pensamento, sobre variadíssimos tópicos teológicos grafados nas epístolas papais enviadas aos antístites da Hispânia entre a terceira e a sétima centúrias.

Sabemos que, dos muitos escritos que detemos da Antiguidade Tardia, as missivas ocupam uma posição ímpar, pois brindam-nos íntimos vislumbres das vidas daqueles que as redigiram e daqueles a quem as destinaram.

É, pois, justo e necessário, encomiar o autor por ter conduzido a bom termo esta empreitada possante de conceber o que se constituirá prontamente como uma referência indispensável. Desta forma, os investigadores que desejem mergulhar nas fontes epistolares da Hispânia terão nas suas mãos um instrumento fundamental para arrojarem as suas próprias inquirições.